

**RELIPES, RELAÇÕES LINGUÍSTICAS  
E LITERÁRIAS ENTRE PORTUGAL  
E ESPANHA DESDE O INÍCIO DO  
SÉCULO XIX ATÉ A ACTUALIDADE,  
COVILHÃ – SALAMANCA  
GABRIEL MAGALHÃES (EDIÇÃO)  
Ubi – Celya, 2007**

*Relipes* é o acrónimo onomástico dum projecto ponderado no âmbito do programa INTERREG da União Europeia e desenvolvido pelas universidades da Beira Interior, Évora e de Salamanca.

Dois colóquios, realizados no Alentejo e em Castela, ilustraram o labor de investigadores pertencentes às três entidades, cujas comunicações se tornaram livro, editado em 2007.

Pela primeira vez, especialistas do ensino superior peninsular trabalharam em conjunto para abordar as relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha, consideradas num aro cronológico que se estende do início do século XIX à actualidade, o que evidencia uma abordagem plena de novidade. A sequência dos textos aproxima-se de forma diacrónica ao objecto de estudo.

O artigo de abertura, «O iberismo em conceito e em questão», de António Santos Pereira, parte do pressuposto de que enquanto vizinhos «os portugueses e os espanhóis não têm cometido actos de agressão mútua de que possam envergonhar-se nos últimos duzentos anos» (p. 17), e percorre entre teoria e pragmatismo a fortuna do «conceito desenvolvido ao longo do século XIX com significado de federação dos povos

peninsulares» (p. 21). Foi particularmente fértil a utilização deste conceito em todo o século pela influência do racionalismo nas suas plurais facetas (nomeadamente a do krausismo) que nunca encontraram uma concretização política. De facto, o federalismo apenas chegou disfarçado à península no contexto mais amplo da adesão à União Europeia.

Gabriel Magalhães e a sua «Visita guiada à casa ibérica (1801-1900)» abordam o tema em análise, partindo das metáforas icónicas pelas quais foi representado o território entre os Pireneus e o «Finis Terrae». Após citar Estrabão, as visões antropomórficas de Pessoa e Espronceda e terminando na jangada de pedra saramaguiana, propõe-se a sugestiva imagem da península ibérica como casa ainda em construção, na qual se desenvolve uma singular poética do espaço: é um olhar que contempla alicerces comuns, identificados na «fatalidade política siamesa» e as paredes divisórias, personificadas nos grandes intelectuais que negligenciam o diálogo com o país vizinho.

Magalhães afirma que «mesmo de um modo esbatido» não há nenhum autor importante que não ecoe a realidade da nação próxima, mesmo que essa repetição seja constituída apenas de anotação, silêncio ou menosprezo. Na Ibéria a relação mútua é um *fatum*, uma condenação (p. 70). Essa ligação quase subliminar é instalada pelo ensaísta nos sótãos, numas tranquilas águas furtadas onde se localiza ocultamente. Por outro

lado, há quem estabeleça contactos: foram os «autores secundários de obras secundárias à procura de um momento principal» que não abriram novos roteiros, mas passaram pelos «corredores de fundo», enveredaram por percursos de serventia que levaram àquilo que a historiografia literária considera «as caves subterrâneas da história cultural» (p. 92) ou apenas as varandas, mas nada de primordial. A visita de Magalhães conclui-se na observação do espectro da dualidade luso-castelhana, (um autêntico fantasma do corredor), encarnação da contradição interna de culturas repartidas entre a focagem do almocreve (interior) e a do marinho (exterior). Um denso «telhado bibliográfico» termina este interessante contributo.

Em «La edad de oro, la época de plata y el esplendor del bronce – el *continuum* de la modernidad y la vanguardia», António Sáez Delgado investiga as relações ibéricas de 1901 até 1935, embora desde as primeiras linhas o leitor intua que também nessa altura as relações não foram demasiado vinçadas. São novamente os «menores» a protagonizarem o intercâmbio ibérico no primeiro terço do século XX, enquanto o pós-simbolismo e o vanguardismo inflamavam a cena cultural. Se faltou o diálogo directo entre os grandes intelectuais, os processos de afirmação do Modernismo foram paralelos até nas fases de disforia. A Universidade de Salamanca, Unamuno e a revista *Cosmópolis* são excepções bem

conhecidas assim como o elo existente entre a conimbricense *Presença* e a madrilena *La Gaceta literaria*.

Numa ágil e concisa apresentação, «Letras en tiempos de dictaduras (1936-1974)», Eduardo Javier Alonso Romo avança com a análise do período seguinte, em que o intercâmbio é mais do que nunca fragmentado e episódico, vinculado à amizade pessoal, sem projectos programáticos conjuntos. Paradigmática é a afirmação de Luis Buñuel, que vê Portugal como «País más alejado de nosotros que la India» (p. 185), a denunciar a incomunicabilidade entre os movimentos surrealistas na década de trinta e o mesmo acontecendo com o neo-realismo. Só quando as ditaduras caminharam para o seu termo, o enlace ibérico é promovido graças à edição de revistas como a *Colóquio/Letras*, *La Estafeta Literaria* e *Ínsula*, no momento em que a Revolução dos cravos alimentou esperanças além-fronteiras, durante da agonia do senescente regime franquista. A finalizar, apresenta uma sintética resenha da recepção pessoal em Espanha além da enumeração dos maiores lusitanistas espanhóis e hispanistas portugueses.

Cristina Maria da Costa Vieira em «Fronteira Permeável (1975-2005)» procura registar o crescimento das duas literaturas no trinténio em que tudo mudou, oferecendo ao leitor uma listagem de autores de poesia, narrativa, dramaturgia e ensaística ibérica, numa perspectiva comparativista, em que o género é assumido como critério orga-

nizacional e dez pontos de convergência são individualizados entre as duas artes literárias.

«Lengua, nación, império» de Ana María García Martín e Pedro Serra abre a parte consagrada às relações linguísticas. Considerando a perspectiva historiográfica de Eric Hobsbawm, os autores investigam o que foi a Modernidade ibérica, num contexto que sofreu fenómenos de diglossia, nomeadamente em Espanha, pela aplicação da «Ley Moyano». O século XIX é o século da aproximação científica à linguística, submetida a várias teorizações, mas é notável a escassez de métodos académicos de ensino português/castelhano e vice-versa, embora floresçam os manuais de auto-aprendizagem. Numa análise dos intercâmbios académicos na época seguinte, Martín e Serra deparam com a pouca sensibilidade dos regimes autoritários, sendo o Salazarismo pouco inclinado para a literatura comparada e Franco «muy dado al monolingüismo» (p. 292). A época contemporânea, pelo contrário, é marcada pela rapidez dos eventos e pela cultura de massa que contribui para derrubar fronteiras.

Ángel Marcos de Dios descreve em «Aproximación a las relaciones lingüísticas luso-españolas (1901-1974)» os homens e os feitos mais notáveis neste campo. Assinala o surgimento do Atlas Linguístico da Península Ibérica (ALPI) como sendo o maior evento científico a registar. Termina o artigo com bibliografias exaustivas sobre as línguas ibéricas, incluindo o aspecto lexicográfico.

Hélder Júlio Ferreira Monteiro em «Linguística contrastiva en una península democrática (1975-2007)» apresenta um útil e bastante completo estudo bibliográfico sobre últimos trinta e dois anos de publicações ibéricas.

Sob o patrocínio da União Europeia entra-se numa nova fase das relações entre os dois países ibéricos, como nos testemunha este interessante intercâmbio.

*Alberto Sismondini*

**ACTAS DO CONGRESSO RELIPES III –  
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR,  
18, 19 E 20 DE ABRIL DE 2007  
GABRIEL MAGALHÃES (EDIÇÃO)  
Covilhã – Salamanca, UBI – Celya, 2007**

Após uma primeira redacção das actas referentes aos colóquios de Évora e Salamanca, o congresso da Covilhã representou, conforme a nota de abertura do responsável da edição, Gabriel Magalhães, o ponto culminante do projecto da investigação RELIPES, que articulou 15 investigadores das Universidades citadas e contou com o apoio do Programa INTERREG IIIA da União Europeia.

A organização deste derradeiro congresso foi estimulada pela vontade de «estabelecer uma saudável osmose» entre a actividade desenvolvida pela equipa participante no projecto e a produção científica de colegas não envolvidos directamente no mesmo.